

## CIRCULAÇÃO INTERNACIONAL E PLURIDISCIPLINAR DE IDEIAS: PIERRE BOURDIEU, A EDUCAÇÃO E A LITERATURA

**Dra. Ione Ribeiro Valle**  0000-0001-7496-3959  
Universidade Federal de Santa Catarina

**RESUMO:** A questão central aqui priorizada propõe um diálogo entre o pensamento de Pierre Bourdieu (1930-2002), a educação e a literatura. Parte-se do entendimento de que se trata de um diálogo que pode ajudar a compreender nosso sistema de ensino, considerado como um dos lugares em que se produzem e se reproduzem sistemas de pensamento, de ação, de apreciação, de julgamento. O desafio primeiro é pensar a contribuição deste sociólogo para além da crítica reprodutivista e exercitar a reflexividade crítica por ele proposta, recorrendo à relação entre os campos educacional, artístico e literário. Esse exercício permite perceber que a eficácia da ordem simbólica não se exerce pela força física, mas por meio do sentido atribuído ao conhecimento, aos diferentes saberes escolares e profissionais, à relação que se estabelece com a produção artística de um povo, o que coloca a escola e a universidade numa posição extremamente estratégica na difusão do capital cultural, podendo atuar visando à conservação ou à transformação social. Para examinar a relação entre o pensamento de Pierre Bourdieu, a educação e a literatura, toma-se como referência dois conceitos: “discurso performativo” e “discurso herético”, visando fundamentar o estudo de três obras de escritores brasileiros, situados em tempos e contextos históricos distintos e relativamente distantes: Bernardo Guimarães (1825-1884), Jorge Amado (1912-2001) e Luciano Mendes. Interessados em dimensões não necessariamente idênticas, suas obras permitem perceber continuidades de costumes, de práticas políticas, institucionais e administrativas e apreender dinâmicas dos grupos sociais dominantes voltadas à sua reprodução. Conclui-se que a nossa literatura pode ser apreendida como um verdadeiro laboratório de investigação pluridisciplinar, pois permite ampliar nosso capital cultural e provocar revoluções simbólicas, tão necessárias num momento em que se assiste ao recrudescimento e à persistência de questões sociais, culturais, morais, doutrinárias, que marcaram os séculos anteriores.

**PALAVRAS-CHAVE:** Pierre Bourdieu; Campo Educacional; Campo Artístico e Literário.

## INTERNATIONAL AND MULTIDISCIPLINARY CIRCULATION OF IDEAS: PIERRE BOURDIEU, EDUCATION AND LITERATURE

**ABSTRACT:** The central question prioritized here proposes a dialogue between the thought of Pierre Bourdieu (1930-2002), education and literature. It starts from the understanding that this is a dialogue that can help to understand our educational system, considered as one of the places in which systems of thought, action, appreciation, and judgment are produced and reproduced. The first challenge is to think the contribution of this sociologist beyond reproductivity criticism and exercise the critical reflexivity he proposes, using the relationship between the educational, artistic, and literary fields. This exercise allows us to perceive that the efficacy of the symbolic order is not exercised by physical force, but through the meaning attributed to knowledge, to the different school and professional knowledges, to the relationship established with the artistic production of a people, which places the school and the university in an extremely strategic position in the diffusion of cultural capital, being able to act aiming at social conservation or transformation. In order to examine the relationship between Pierre Bourdieu's thought, education, and literature, two concepts are taken as reference: "performative discourse" and "heretical discourse", aiming to ground the study of three works by Brazilian writers, situated in distinct and relatively distant historical times and contexts: Bernardo Guimarães (1825-1884), Jorge Amado (1912-2001) and Luciano Mendes. Interested in dimensions that are not necessarily identical, their works allow us to perceive continuities in customs, political, institutional and administrative practices, and to apprehend the dynamics of dominant social groups aimed at their reproduction. We conclude that our literature can be apprehended as a true laboratory of pluri-disciplinary investigation, for it allows us to expand our cultural capital and provoke symbolic revolutions, so necessary at a time when we are witnessing the recrudescence and persistence of social, cultural, moral, doctrinal issues that marked the previous centuries.

**KEYWORDS:** Pierre Bourdieu; Educational Field; Artistic and Literary Field.



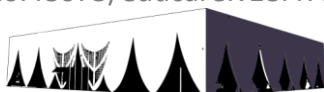
## 1 INTRODUÇÃO

Não sou nem otimista, nem pessimista. Os otimistas são ingênuos, e os pessimistas amargos. Sou um realista esperançoso. Sei que é para um futuro muito longínquo. Sonho com o dia em que o sol de Deus vai espalhar justiça pelo mundo todo.

Ariano Suassuna  
(1927-2014).

Esta reflexão encontra sua inspiração primeira nos debates sobre a circulação de ideias, particularmente de ideias inscritas nas ciências humanas e sociais, os quais têm sido objeto do interesse de intelectuais dos mais diversos países. Sabemos que o pensamento intelectual brasileiro deve parte das suas experiências acadêmicas e simbólicas a formações obtidas em países estrangeiros, ou em razão dos intercâmbios institucionais de professores que por lá passaram. A amplitude desses intercâmbios, assim como a profundidade acadêmica desses debates leva a reconhecer que a intelectualidade brasileira apresenta uma importante vivência em termos de internacionalização.

Tendo como foco, neste texto, a produção sociológica francesa, notadamente a contribuição de Pierre Bourdieu (1930-2002) ao diálogo entre educação e literatura, sublinho, para início de conversa, que o movimento de pesquisadores tem sido uma via de mão dupla, como mostra o prestígio alcançado por sociólogos e antropólogos daquele país, a exemplo de Claude Lévi-Strauss (1908-2009) e Roger Bastide (1898-1974), graças aos estudos realizados no Brasil e às suas inserções em instituições brasileiras. Também me merece pertinente lembrar que a colaboração acadêmica entre os dois países se aproxima do seu bicentenário. Isso pode ser observado no elevado número de teses defendidas na França sobre o Brasil, como mostram os dados levantados junto ao “Catálogo de teses defendidas na França sobre o Brasil” entre 1823 e 2019<sup>i</sup>. A formação doutoral obtida naquele país, em particular nas áreas humanas e sociais (história, geografia, política, economia, antropologia, sociologia, psicologia, educação, literatura, artes e direito),

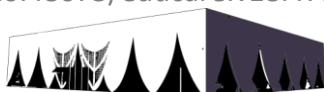


se confirma por meio das 2.752 teses, destas 351 pertencem à área da sociologia, 226 à educação, 319 à literatura e 153 às artes<sup>ii</sup>, que são as que mais nos interessam neste momento.

Além do intenso movimento internacional de pesquisadores, as aproximações epistemológicas ocorrem graças à pluralidade de perspectivas teórico-metodológicas e disciplinares mobilizadas. Ou seja, elas também contam com a tradução e publicação de artigos e livros em diferentes línguas e países, embora, como alerta Bourdieu (2002, p. 3), nem sempre se traduza o que existe de melhor numa sociedade: “a vida intelectual é um lugar, como todos os outros espaços sociais, de nacionalismos e de imperialismos, e os intelectuais veiculam, quase tanto quanto os outros, prejulgamentos, estereótipos, ideias recebidas, representações muito sumárias, muito elementares, que se nutrem dos acidentes da vida cotidiana, das incompreensões, dos mal-entendidos, dos ferimentos.”

Bourdieu (2002, p. 4) também chama a atenção para o fato de que muitos “textos circulam sem seus contextos, pois não levam consigo o campo de produção em que foram elaborados”, além disso, os receptores, por estarem inseridos em campos de produção distintos, os interpretam em função da posição que ocupam na estrutura do campo de recepção, o que pode provocar interpretações equivocadas.

É neste quadro reflexivo, permeado pela circulação internacional de ideias, que se inscreve a questão central aqui priorizada: o diálogo entre sociologia, educação e literatura. Parte-se do entendimento de que se trata de um diálogo fundamental, uma vez que o sistema de ensino é um dos lugares em que, nas sociedades diferenciadas, se produzem e se reproduzem sistemas de pensamento, de ação, de apreciação, de julgamento. Esse diálogo vai se reafirmando à medida em que circulam ideias advindas de países com tradições distintas (ROCHA, *et al.*)<sup>iii</sup>, sobretudo aquelas embasadas em perspectivas epistemológicas e disciplinares também distintas.

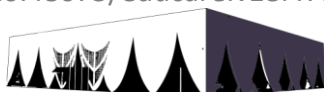


Neste texto, são as lentes bourdieusianas que dão o tom à produção de argumentos reflexivos, permitindo articular educação e literatura, e não apenas em razão do caráter impactante da sua teoria sobre a imaginação sociológica e sobre a construção de um *modus operandi* científico. Vale lembrar, com Annie Ernaux (2002, p. 1), os efeitos que a leitura de Bourdieu costuma provocar sobre os seus leitores: “Me ocorreu comparar o efeito de minha primeira leitura de Bourdieu com o do Segundo sexo de Simone de Beauvoir [1908-1986], quinze anos antes: a irrupção de uma tomada de consciência sem retorno, aqui sobre a condição das mulheres, lá sobre a estrutura do mundo social. Irrupção dolorosa mas seguida de uma alegria, de uma força particulares, de um sentimento de libertação, de solidão quebrada.”<sup>iv</sup>

Além desses aspectos, é importante considerar a pertinência das perspectivas bourdieusianas à compreensão do campo educacional brasileiro, em particular pelo fato de que o nosso sistema de ensino tem passado, nas últimas décadas, por transformações não negligenciáveis, em termos sobretudo da expansão das oportunidades de acesso aos diferentes níveis escolares. Essa mudança no processo de socialização de crianças, adolescentes e jovens faz com que o ensino passe a exercer um papel determinante na produção de novos leitores, ao dotá-los de competências e disposições, indispensáveis à atribuição de significado e valor às obras de arte e à literatura, a começar pela crença na importância social desses bens culturais.<sup>v</sup>

## 2 PARA ALÉM DA CRÍTICA REPRODUTIVISTA

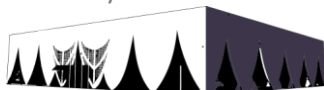
O tema proposto, como se pode ver desde o título, é bastante ambicioso e de certo modo genérico. Estabelecer uma triangulação entre o pensamento de Bourdieu, o campo literário e o campo educacional é, em si, uma pretensão que certamente exige um aporte teórico-metodológico nada simples, impondo desafios consideráveis a uma socióloga da educação, cuja trajetória acadêmica tem se



voltado essencialmente ao desvelamento de desigualdades escolares entrelaçadas a desigualdades sociais, econômicas e culturais, que atingem os diferentes níveis do ensino. Este objeto de estudo, como sabemos, está longe de se esgotar em se tratando da educação brasileira, pois as desigualdades se manifestam desde o acesso, têm impacto na permanência e na transição de níveis, e são marcadas por diferenças regionais, culturais, econômicas, dentre tantas outras. Basta olharmos a complexidade do nosso sistema de ensino, as realidades distintas, sua fragmentação em redes públicas e privadas, mas sobretudo as desigualdades crônicas que cindem historicamente nossas escolas e universidades, que distanciam profundamente as trajetórias pessoais e profissionais da nossa população, e que foram agravadas pela catástrofe sanitária (Covid-19), da qual ainda não nos livramos.

Essa não é portanto a razão que motiva a proposição de um tema ainda em seu estado embrionário do ponto de vista dos estudos que venho realizando. Em outras palavras, trata-se de uma reflexão que se limita ao que Bourdieu chamou de *impromptu*<sup>vi</sup>, contrariando de certo modo o protocolo científico que supõe um longo tempo de investimento quando se visa à qualidade do produto, em oposição ao imediatismo que **carrega** o risco da improvisação e da simplificação.

A triangulação entre o polêmico e complexo pensamento de Bourdieu, a educação e a literatura, faz lembrar uma outra triangulação, extremamente cara a este sociólogo: a relação estreita – e quase mecânica – entre a educação, os intelectuais e as elites<sup>vii</sup>. Isso nos remete, por sua vez, aos pilares da sua teoria praxiológica, assim como aos desafios que se constituíram na sua bandeira de luta (‘no seu esporte de combate’): desvelar as lógicas de dominação e as estratégias de reprodução sociais (BOURDIEU, 2020). Daí o caráter eminentemente político<sup>viii</sup> das ciências sociais e, em particular, da teoria sociológica do autor, pois estas “se fazem contra o mundo social, em ruptura com o mundo social” (BOURDIEU, 2013, p. 20). Cabe, portanto a elas enfrentar seriamente a questão da justiça e/ou da injustiça,



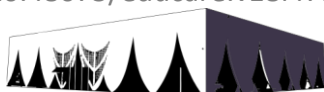
tendo em vista que tudo no espaço estruturado se refere à distribuição legítima do poder econômico, do poder simbólico ou do poder religioso (BOURDIEU, 2016).

Assim, ao propor uma reflexão relacionando educação e literatura, minha intenção é convidá-los a pensar a escola e a universidade brasileiras para além da crítica reprodutivista que tem sido predominante nos estudos relativos ao campo educacional, sem, evidentemente, deixar de reconhecer sua potência analítica e de denúncia. O próprio Bourdieu, em um dos seus últimos cursos, assinala que o título da obra *A reprodução*, elaborada em parceria com Jean-Claude Passeron (1982)<sup>ix</sup>, se tornou “tristemente famoso”, tendo provocado um efeito catastrófico, que levou a afirmarem que o sistema escolar apenas reproduz. Na verdade, a intenção era mostrar que “o sistema escolar contribui para reproduzir diferenças sociais preexistentes. Ou seja, ele contribui para reproduzir distâncias e distinções” (BOURDIEU, 2013, p. 233), atuando conseqüentemente em favor da perpetuação das desigualdades e das injustiças sociais.<sup>x</sup>

### 3 O DESAFIO DA REFLEXIVIDADE CRÍTICA

Tendo como ponto de partida esses pressupostos, retomei algumas noções de Pierre Bourdieu que podem iluminar as nossas reflexões, entendendo que o diálogo entre o campo educacional e o campo literário pode ajudar a compreender e a enfrentar o recrudescimento de ideologias obscurantistas, de negacionismos e moralismos, mas também das questões ligadas ao meio ambiente, à multiplicação e diferenciação das desigualdades, à pluralidade de injustiças que cercam nossos cotidianos. Os desafios que se impõem envolvem dimensões distintas dos sistemas de ensino e do campo científico, o que somente se torna possível graças à ampliação da reflexividade crítica por meio do “modo de pensar relacional” (BOURDIEU, 2001).

Início sublinhando a necessidade de revisitar a noção de capital cultural na obra de Pierre Bourdieu; uma noção que, de modo recorrente, tem sido absorvida

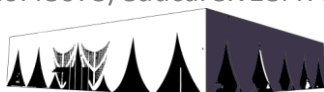


pela força reprodutiva observada quando são analisadas as diferentes facetas dos sistemas de ensino. Então, a que capital cultural estou me referindo? Ao se impor, desde muito jovem e em parceria com Jean-Claude Chamboredon e Jean-Claude Passeron (1999), a edificação de uma sociologia crítica, em oposição ao que caracterizou como sociologia espontânea, Bourdieu aposta na força da ciência como ferramenta para a transformação social<sup>xi</sup>, como forma de abrir espaços de possibilidades, de tornar o provável improvável, de ver no horizonte possíveis impossíveis, e vislumbra uma “pedagogia racional”<sup>xii</sup>.

É possível encontrar na obra de Bourdieu uma noção de capital cultural que vai além daquela mobilizada como referência nas suas análises sobre os sistemas de ensino e que têm como foco a distinção social. Sob este prisma, o capital cultural diz respeito essencialmente àquele legitimado e arbitrado segundo os interesses de poucos, voltado à dominação e reprodução sociais. Bourdieu (1998a) mostra que, dentre as três formas que caracterizam o capital cultural (o inculcado, o objetivado e o institucionalizado), ao menos duas delas dizem respeito diretamente às ações escolares e à formação universitária: as formas inculcada e institucionalizada.

A perspectiva que me parece subjacente à formulação da noção de capital cultural, apreendida numa relação estreita com o capital escolar (que viabiliza a acumulação), com o capital simbólico (que legitima a distinção<sup>xiii</sup>) e com o capital social (que pereniza a dominação<sup>xiv</sup>), remete à importância atribuída à cultura por Bourdieu. Trata-se de um terreno particularmente significativo para quem, como ele, “considera que a tarefa mais urgente para as ciências sociais é desenvolver ferramentas teóricas e metodológicas concernentes ao conhecimento do simbólico” (BOSCHETTI, 2012, p. 246), além de viabilizar “os usos sociais da ciência”. (BOURDIEU, 2004)

Neste sentido, capital cultural pode ser lido como todo aquele que apresenta um caráter de universalidade e é reconhecido como patrimônio da humanidade. Trata-se portanto daquele pautado em princípios caros à humanidade, ao menos desde os tempos das Luzes (Igualdade, Liberdade, Solidariedade, Democracia,

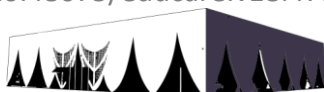


Justiça social) e que, apesar de todos os retrocessos e das ameaças neoliberais, continuam iluminando os tempos modernos e pós-modernos. Ou seja, o capital cultural não pertence a povos específicos, a contextos geo-históricos particulares, a pensadores e cientistas reputados como clássicos, a grupos sociais privilegiados. Por essa razão, é função social; e compromisso, dos sistemas de ensino, em todos os níveis, democratizar o acesso a esse patrimônio, de modo que ele deixe de ser dispositivo visando à concentração do poder simbólico e à submissão de determinados povos e grupos sociais.

Ao abordar, portanto a triangulação entre o pensamento bourdieusiano, a educação e a literatura, argumento em favor da necessidade de nos apropriarmos do capital cultural produzido e acumulado historicamente, mas também entendo como um desafio que, de prima, se impõe a todos nós brasileiros: fazer reconhecer o capital cultural produzido em nossas terras, imensamente ricas em razão da sua pluralidade cultural. É a riqueza dessa pluralidade que nos revelam os campos literário e artístico, os quais podem, como assinala Bourdieu, promover verdadeiras “revoluções simbólicas”<sup>xv</sup>, tão potentes quanto as grandes revoluções religiosas, porque são capazes de sacudir estruturas cognitivas e, até mesmo, estruturas sociais e políticas (BOURDIEU, 2013).

## 4 A SOCIOLOGIA E OS CAMPOS ARTÍSTICO E LITERÁRIO

Nosso sociólogo consagrou um tempo considerável aos estudos da arte e da literatura (BOSCHETTI, 2012, p. 243), apesar de ter demonstrado, nos termos de Desanti e Monvallier (2021, p. 35), “uma posição indisciplinada entre ciência e literatura”. Ele encontrou, por meio da análise de algumas obras, a possibilidade de reconstituir, de maneira muito aproximada, a estrutura do mundo social que serviu de cenário à produção da respectiva obra, assim como as estruturas mentais, fabricadas por essas mesmas estruturas sociais. Pode-se destacar aqui as obras do romancista Gustave Flaubert (1821-1880), em particular a Educação



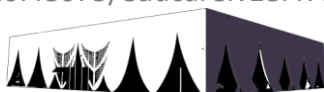


sentimental (1869), no campo literário, e as obras do pintor Édouard Manet (1832-1883), no campo artístico. Para Bourdieu (1982 e 2013), algumas obras tornam inteligível a própria ideia de revolução. Elas favorecem a compreensão de uma determinada ordem simbólica, a percepção das provações que marcaram experiências passadas por meio do jogo da escrita literária, o que permite interpretar esse acordo subliminar entre as estruturas objetivas do mundo social e as estruturas cognitivas.

Em outras palavras, uma ordem simbólica é uma ordem que se impõe como evidente; uma ordem naturalizada nas estruturas mentais e alimentada pelo conjunto das estruturas sociais. Sua força simbólica faz com que não passe pelo espírito das pessoas colocá-la em questão, pois, além de nutrir o sentimento de sacrilégio quando se trata de transgredir fronteiras, a subversão política de uma determinada ordem supõe uma subversão cognitiva, uma subversão da visão de mundo. Assim, para Bourdieu, é necessário; e urgente, apreender a ordem simbólica que dá o tom aos discursos de senso comum, presentes particularmente no apelo à crença e à tradição, e que leva a manter uma relação obscura de adesão quase corporal (por meio do *habitus*) a essa ordem dominante.

A eficácia da ordem simbólica não se exerce pela força física, mas por meio do sentido atribuído ao conhecimento, aos diferentes saberes escolares e profissionais, à relação que se estabelece com a produção artística de um povo, o que coloca a escola e a universidade numa posição extremamente estratégica na difusão do capital cultural, podendo atuar visando à conservação ou à transformação social. Somente as ciências sociais, associadas à produção científica, artística e literária, são capazes de desnudar a ordem simbólica dominante, pois, como lembra Bourdieu (2021, p. 119), “a alienação absoluta aniquila a própria consciência da alienação”.

Como se pode ver, na perspectiva bourdieusiana, os campos científico, artístico e literário se edificam contra o mundo social, em ruptura com o mundo social. A grande maioria dos discursos produzidos nesses campos; e por esses

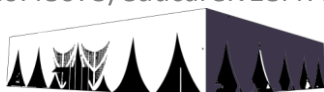


campos, são discursos políticos e por isso se constituem em signos de autoridade, estando destinados a propor novas representações (mentais, verbais, simbólicas, gráficas, teatrais, imagéticas) sobre o mundo social. Em outras palavras, segundo Bourdieu (2017), que reconhece a potência da literatura porque existe nela o essencial daquilo que marca um tempo, esses discursos são capazes de agir sobre o mundo, de agir sobre as representações dos agentes, podendo levar ao enfrentamento, à contestação, e colocar em contradição a ordem simbólica dominante.

Vale lembrar também, sempre com Bourdieu, que Molière [Jean-Baptiste Poquelin, 1622-1673], por meio da sua magnífica obra satírica, desmascara a maquinaria dissimulada que produz efeitos simbólicos de imposição ou de intimidação. Molière desmascara truques e artimanhas que dão sustentação aos poderosos, àqueles dispostos a defender a ortodoxia, àqueles que se colocam como seus cães de guarda. A leitura que Bourdieu faz da obra *O Processo* (1925) de Franz Kafka [1883-1924] também ilustra essa relação entre sociologia e literatura. Segundo Bourdieu (2016, p. 224), o autor revela estruturas mentais, produz uma experimentação social historicamente constituída, constrói “uma espécie de modelo da luta simbólica, ou do mundo social como terreno de uma luta simbólica pela identidade”. Kafka se coloca como porta-voz de um tipo de revolta da pessoa, do homem livre, frente a essa “máquina infernal”, manifestando-se pela indignação, o que permite perceber todas as formas de repressão burocrática.

## 5 O “DISCURSO PERFORMATIVO” E O “DISCURSO HERÉTICO”

Chego finalmente aos conceitos da obra de Bourdieu que me parecem possibilitar, de modo mais conciso, a relação entre o campo literário e o campo educacional: o “discurso performativo” e o “discurso herético” (BOURDIEU, 1982, p. 149-161). São esses conceitos que tenho mobilizado para analisar algumas obras da literatura brasileira que ajudam a ampliar nosso capital cultural e a



vislumbrar mudanças nas estruturas mentais, com impactos importantes sobre as estruturas objetivas.

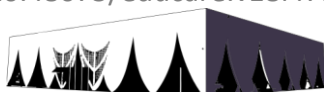
Parto do pressuposto que os nossos sistemas de ensino continuam fortemente centrados na difusão de discursos performativos. Esses discursos disseminam esquemas de divisão, que coincidem com propriedades classificatórias objetivas (de classe, de gênero, de religião, de etnia, de escolarização, de idade, de nacionalidade...), contribuindo assim à perenização dessas classificações.

Os discursos performativos tendem a produzir sistematicamente o reconhecimento dessa ordem por meio desses esquemas classificatórios. Eles diferenciam, por exemplo, o que é legítimo do que é ilegítimo, o que é sagrado do que é profano, o que é vulgar do que é distinto, reproduzindo e legitimando o poder simbólico da autoridade, do prestígio, do carisma, da sedução, da ordem vigente. Esses discursos alimentam uma relação encantada com o poder simbólico, participando intensamente da sua reprodução, o que ocorre por meio das trocas legitimadas de serviços, de atenções, de cuidados, de favores, de afeição, de dádivas que geram dívidas.

Todo enunciado performativo perspectiva ações e previsões políticas, as quais fazem acontecer o conteúdo do enunciado, levando à adesão a determinados esquemas de percepção, de pensamento, de ação e de julgamento. Ou seja, ao enunciar, sejam verdades ou *fake news*, ao enunciar valores, ritos, profecias, formas de respeito, o enunciado performativo os torna concebíveis, os torna críveis, mas sobretudo temíveis, produzindo as condições necessárias à sua realização.

Em síntese, o discurso performativo trabalha para anular a política por meio de um discurso político despolitizado, que visa construir representações, disposições performativas, com força para exercer sobre as vontades coletivas um efeito de consagração da ordem estabelecida. Como romper com a hegemonia do discurso performativo?

Aqui se inscreve a participação dos campos científico, artístico e literário junto ao campo educacional. Estes campos, certamente os únicos, podem produzir



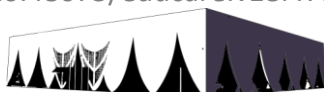
o que Bourdieu chama de “discurso herético”. Trata-se de um discurso capaz de desestabilizar a concordância praticamente automática entre as estruturas incorporadas (os *habitus*) e as estruturas objetivas. O discurso herético contribui não somente para confundir a adesão tácita ao senso comum, mas para instigar a ruptura com a ordem simbólica estabelecida. Além disso, ele pode promover um novo senso comum, por meio da introdução de ideias, de práticas, de experiências até então ignoradas, repudiadas ou reprimidas.

Tentando ser mais precisa, a função primordial do discurso herético é desacreditar as evidências dogmáticas, ancoradas na crença e na naturalização daquilo que nada tem de natural. Nestes termos, o discurso herético é capaz de instaurar uma verdadeira “subversão herética”. Ao explorar possibilidades de mudar o mundo por meio da mudança das representações desse mundo, o heresiarca investe na manifestação pública e na aceitação coletiva, legitimadas pela ciência e pela produção artística e literária, e pode atuar na conversão das relações de submissão, de conformidade ou de exploração.

Um dos desafios que enfrenta o heresiarca é justamente a possibilidade de incitar a transgressão, essencial à nominação do inominável, à defesa do indefensável. Dessa maneira, ele pode provocar o rompimento com o consenso sobre o qual repousam os fundamentos da dominação simbólica, os quais dão sustentação às relações dóxicas com o mundo. O discurso do heresiarca se pauta, portanto na rejeição às censuras, sejam institucionalizadas ou interiorizadas, às palavras de ordem, às múltiplas formas de violência, sancionadas socialmente.

## 6 UMA PRIMEIRA INCURSÃO NO CAMPO LITERÁRIO

Após mencionar o lugar que a educação escolar e a formação universitária ocupam; e podem ocupar, na democratização do acesso ao capital cultural, entendido aqui como patrimônio da humanidade e, portanto, como instrumento de resistência à ordem simbólica dominante; após discorrer sobre as noções de



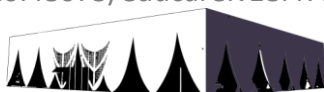
discurso performativo e de discurso herético e apontar as potencialidades deste último para a promoção de revoluções (simbólicas), faço menção aqui, muito rapidamente, a algumas das minhas aventuras heréticas.

Aventuras estas inspiradas na relação entre sociologia e literatura, à luz da abordagem bourdieusiana, e que foram orientadas por um dos princípios fundamentais defendidos pelo sociólogo: situar o meu ponto de vista no espaço dos pontos de vista possíveis sobre o mundo social tendo como objetivo melhor compreender o lugar de onde falo e o que me levou à leitura de cada uma dessas obras.

A partir desta perspectiva e ciente de estar motivada por uma relação com o mundo que reflete uma origem, uma trajetória, um lugar não situado ao acaso no espaço social, e de que “a escolha individual não é nem anárquica nem imprevisível” (BOSCHETTI, 2012, p. 248), tomei como referência três obras de escritores situados em tempos e contextos históricos distintos e relativamente distantes, interessados em dimensões não necessariamente idênticas, mas que permitem perceber continuidades de costumes, de práticas políticas, institucionais e administrativas e apreender dinâmicas dos grupos sociais dominantes voltadas à sua reprodução<sup>xvi</sup>: Bernardo Guimarães [1825-1884], Jorge Amado [1912-2001] e Luciano Mendes.

A primeira dessas aventuras consistiu em analisar a novela *Jupira* de Bernardo Guimarães, publicada em 1872<sup>xvii</sup>, tendo como principal lente interpretativa a obra *A dominação masculina* (1998b) de Pierre Bourdieu (2022c). Esta novela permaneceu praticamente esquecida, diferentemente do que ocorreu com grande parte das obras deste escritor que, assim como ele, ocupam o pódio da literatura brasileira.

Além do prazer que se pode encontrar na literatura, foi possível observar nessa novela muito mais que a gramática romanesca, predominante no século XIX. Nela o escritor aborda os obstáculos à integração entre culturas distintas, e o faz por meio de uma trama abrangendo os encontros e desencontros, os amores e



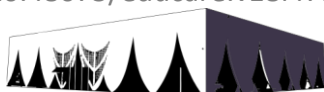
ódios, os sonhos e frustrações, a resignação e a discórdia, sentimentos que violam a suavidade típica do cenário por ele escolhido.

Guimarães nos presenteia com uma leitura herética relacionada à diferenciação étnica, à confrontação entre culturas heretogêneas, à virilidade que pauta os contornos da masculinidade e circunscreve a feminilidade. Ele nos revela sobretudo a tragédia que ameaça os povos que se movimentam entre o ‘mundo civilizado’ e o ‘mundo selvagem’.

Minha segunda aventura consistiu em ler criticamente uma das obras de Jorge Amado que, com frequência, tem sido adotada como leitura na Educação Básica: *Capitães da Areia* (1937). Esta obra permitiu levar a efeito uma análise que procura entrelaçar as sensibilidades literária e sociológica, inspirada essencialmente na teoria bourdieusiana (VALLE, 2022d).

Além de desmistificar o discurso performativo, defendido e aplicado pelas autoridades do Estado com o apoio irrestrito dos meios de comunicação, Jorge Amado constrói verdadeiros retratos sociológicos de crianças submetidas ao racismo social (de classe, étnico, de gênero, de inteligência, relativos às deficiências). Através das trajetórias dos *Capitães da Areia* e recorrendo a uma linguagem dramatizada, Amado nos presenteia com um discurso herético que desnuda a situação de vulnerabilidade em que se encontra um contingente considerável da infância brasileira, envolvendo o abandono, as ligações familiares, a estigmatização, o desenraizamento, o analfabetismo, a precocidade sexual e a virilidade, o prazer do risco. Amado nos mostra que, apesar das desigualdades e injustiças sociais a que são submetidas essas crianças, elas são crianças como todas as outras e têm sonhos.

Por fim, dediquei-me ao estudo da obra de Luciano Mendes, intitulada *Homens de Bem*, publicada em 2021 (VALLE, 2021), que contou com o tom do historiador crítico, explicitado na narrativa de situações, muitas delas familiares, dos homens de bem que se confundem com os “homens de bens” (econômicos, eclesiais, policialescos). O autor conta ‘pequenas’ histórias que satirizam relações



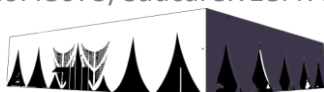
de poder, de micropoderes, e põem a nu a face de figuras que se consideram donas desses poderes, autorizando-se a usá-los ao seu bel-prazer.

A obra de Luciano Mendes é um convite à apreciação crítica de ‘pequenas’ histórias; histórias de brasileiros(as) que não podem mais continuar sendo ignoradas pelos pesquisadores, sejam historiadores, sejam sociólogos. Essa gente (brasileira) pensa, mesmo quando não consegue buscar nas alternativas coletivas a forma de explicitação da sua indignação e fazer frente às humilhações a que são submetidas. Essa gente tem, na verdade, consciência de que a submissão cega, mata o corpo, o espírito, as expectativas, os sonhos, põe em risco sua condição humana.

## 7 CONCLUSÃO

Concluo sublinhando que a nossa literatura pode ser apreendida como um verdadeiro laboratório de investigação pluridisciplinar e que, por essa razão, contribue para ampliar o capital cultural da sociedade brasileira e para provocar revoluções simbólicas, tão necessárias num momento em que se assiste ao recrudescimento e à persistência de questões sociais, culturais, morais, doutrinárias, que marcaram os séculos anteriores.

Ao fazer referência à pertinência da noção de capital cultural, a uma noção ressignificada de capital cultural, visando melhor compreender nossos sistemas de ensino, penso nos mecanismos que historicamente têm impedido a distribuição desse capital à maioria da população brasileira, com a finalidade justamente de conter a sua contribuição na produção de condições que permitam vislumbrar uma sociedade menos desigual e mais justa. Em outras termos, estou convencida de que a escolarização brasileira (laica notadamente) possui um potencial revolucionário extraordinário, o que explica todas as medidas que vêm sendo adotadas visando frear o acesso à educação e aos saberes científicos e



profissionais, ao ponto de negar direitos fundamentais e constitucionais à maioria da sua população.

Enfim, é no repúdio à maneira irrefletida de ver, de agir e de viver no mundo que o discurso herético (científico, artístico ou literário) pode exercer sua eficácia. Para isso, é necessário buscar nos mecanismos do estabelecido, do naturalizado, do cristalizado, as bases para o seu enfrentamento, sua recusa, neutralização e superação. Considero que o discurso herético, produzido na relação entre os campos de produção de saberes e reflexividade e o campo educacional, pode ser tomado como base para a construção de uma proposta política orientada para fins totalmente opostos aos predominantes na ordem simbólica vigente. Em outras palavras, o discurso herético permite vencer a alienação imposta através de discursos performativos, ancorados no *habitus* e no jogo de *illusio*<sup>xviii</sup>. É imprescindível assegurar o acesso a obras literárias, filmes, pinturas, músicas, análises científicas, capazes de instigar o pensamento crítico que leva a transcender fronteiras, a superar o pensamento moroso, circunscrito, rancoroso, desesperado e conseqüentemente conformista.

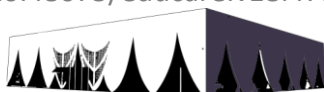
## REFERÊNCIAS

BOSCHETTI, A. Le champ littéraire. *In*: LEBARON, F.; MAUGER, G. (ORG.). **Lectures de Bourdieu**. Paris: Ellipses, 2012. p. 243-262.

BOURDIEU, P. **A distinção; crítica social do julgamento**. São Paulo: EDUSP; Porto Alegre: Zouk, 2007.

BOURDIEU, P. A dominação. *In*: VALLE, I. R.; SOULIÉ, C. (ORG.). **Pierre Bourdieu: uma sociologia ambiciosa da educação**. Florianópolis: EdUFSC, 2019b. p. 305-339.

BOURDIEU, P. **Anthropologie économique**. Cours au Collège de France 1992-1993. Paris: Seuil/Raisons d'Agir, 2017.





BOURDIEU, P. Décrire et prescrire: les conditions de possibilité et les limites de l'efficacité politique. *In*: BOURDIEU, P. **Ce que parler veut dire**. L'économie des échanges linguistiques. Paris: Librairie Arthème Fayard, 1982. p. 149-161.

BOURDIEU, P. Estratégias de reprodução e modos de dominação. **Revista Pós Ciências Sociais**, v. 17, n. 33, p. 21-36, 2020. Disponível: <https://doi.org/10.18764/2236-9473.v17n33p21-36>.

BOURDIEU, P. **Homo academicus**. Florianópolis: Editora da UFSC, 2011.

BOURDIEU, P. **La domination masculine**. Paris: Éditions du Seuil, 1998b.

BOURDIEU, P. **La noblesse d'État: grandes écoles et esprit de corps**. Paris: Les Éditions de Minuit, 1989.

BOURDIEU, P. Les conditions sociales de la circulation internationale des idées. **Actes de la recherche en sciences sociales**, v. 145, p. 3-8, dez. 2002. Disponível: [https://www.persee.fr/doc/arss\\_0335-5322\\_2002\\_num\\_145\\_1\\_2793](https://www.persee.fr/doc/arss_0335-5322_2002_num_145_1_2793). Acesso em: 20 set. 2022.

BOURDIEU, P. **Les règles de l'art. Genèse et structure du champ littéraire**. Paris: Éditions du Seuil, 1992.

BOURDIEU, P. **Manet. Une révolution symbolique**. Paris: Raisons d'Agir/Seuil, 2013.

BOURDIEU, P. **O desencantamento do mundo: estruturas econômicas e estruturas temporais**. São Paulo: Editora Perspectiva, 2021.

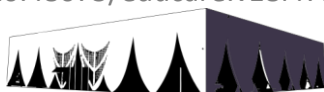
BOURDIEU, P. **O poder simbólico**. 4. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.

BOURDIEU, P. Os três estados do capital cultural. *In*: NOGUEIRA, M. A.; CATANI, A. **Escritos de educação**. Petrópolis: Vozes, 1998a. p. 71-79.

BOURDIEU, P. **Os usos sociais da ciência**. Por uma sociologia clínica do campo científico. São Paulo: Editora da UNESP, 2004.

BOURDIEU, P. **Sociologie générale. Vol. 2. Cours au Collège de France 1983-1986**. Paris: Seuil/Raisons d'Agir, 2016.

BOURDIEU, P. Uma entrevista com Pierre Bourdieu: “É preciso reinventar uma espécie de intelectual coletivo tendo como modelo os Enciclopedistas”. *In*: VALLE, I. R.; SOULIÉ, C. **Pierre Bourdieu: uma sociologia ambiciosa da educação**. Florianópolis: EdUFSC, 2019<sup>a</sup>. p. 359-367.



BOURDIEU, P.; CHAMBOREDON, J.-C.; PASSERON, J.-C. **A profissão de sociólogo**. Preliminares epistemológicas. Petrópolis: Vozes, 1999.

BOURDIEU, P.; PASSERON, J.-C. 2. ed. **A reprodução**: elementos para uma teoria do sistema de ensino. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1982.

BOURDIEU, P.; PASSERON, J.-C. **Os herdeiros: os estudantes e a cultura**. Florianópolis: Editora da UFSC, 2014.

COUTO, G.; VON DENTZ, S. R.; VALLE, I. R. Bourdieu y lo político. **Roteiro**, v. 44, n. 3, p. 1-6, 2019. Disponível:  
<https://periodicos.unoesc.edu.br/roteiro/article/view/19966>.

CRBC/EHESS. Centre de Recherches sur le Brésil Colonial et Contemporain. **Catalogue des thèses soutenues en France sur le Brésil**. Disponível:  
<http://crbc.ehess.fr//index.php?/ressources/catalogue-des-theses/1100-catalogue-des-theses-en-ligne-soutenues-en-france-sur-le-bresil-en-sciences-sociales-et-humaines-de-1823-a-nos-jours>. Acesso em: 23 set. 2022.

DESANTI, R.; MONVALLIER, H. de. **L'Effet Bourdieu**. Dialogue sur une sociologie libératrice. 2. ed. Paris: Éditions Connaissances et Savoir, 2021.

ERNAUX, A. Bourdieu, le chagrin. **Le Monde**, 5 fev. 2002. Disponível:  
[https://www.lemonde.fr/archives/article/2002/02/05/bourdieu-le-chagrin-par-annie-ernaux\\_261466\\_1819218.html](https://www.lemonde.fr/archives/article/2002/02/05/bourdieu-le-chagrin-par-annie-ernaux_261466_1819218.html). Acesso em: 08 out. 2022.

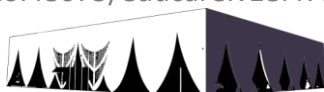
GAMBAROTTA, E. **Bourdieu y lo político**. Buenos Aires: Prometeo Libros, 2016.

ROCHA, J. S. da, *et al.* **Sociologia da educação em movimento**. Florianópolis: Editora Insular, 2022.

VALLE, I. R. (ORG.) **Jupira de Bernardo Guimarães**: gêneros em trânsito. Belo Horizonte: Caravana, 2022b.

VALLE, I. R. “Homens de bem” e homens de bens de Luciano Mendes. **Brasil de Fato Minas Gerais**, Belo Horizonte, p. 1-2, 2021b. Disponível em:  
<https://www.brasildefatomg.com.br/2021/10/19/resenha-homens-de-bem-e-homens-de-bens>. Acesso em: 16 out. 2022.

VALLE, I. R. A reprodução de Bourdieu e Passeron muda a visão do mundo educacional. **Revista Educação e Pesquisa**. São Paulo, v. 48, e244296, p. 1-16, 2022a. Disponível:



<https://www.scielo.br/j/ep/a/hMZqk7tS7JMvRcTt3nhK47y/?format=pdf&lang=pt>.

VALLE, I. R. **Capitães da areia de Jorge Amado e o “discurso herético” de Pierre Bourdieu**. 2022d, no prelo.

Contributos de Maio de 68 à sociologia de Pierre Bourdieu. In: WATANABE, G.; LEAL, S. H. B. de S. **Educação, Ciências e Sociedade: leituras bourdieusianas**. Araraquara: Letraria, 2019. p. 18-41. Disponível: <file:///C:/Users/Ione%20Valle/AppData/Local/Temp/Educação-Ciências-e-Sociedade-leituras-bourdieusianas-Letraria.pdf>.

VALLE, I. R. Jupira entre dois mundos: os limites do projeto civilizador e a construção de masculinidades. In: VALLE, I. R. (ORG.). **Jupira de Bernardo Guimarães: gêneros em trânsito**. Belo Horizonte: Caravana, 2022c, p. 157-176.

VALLE, I. R. Masculinidade(s) e literatura. **Blog do Pensar a Educação**, Belo Horizonte, fev. 2022e. Disponível: <http://pensaraeducacao.com.br/blogpensaraeducacao/masculinidades-e-literatura/>.

VALLE, I. R. Um conceito reinterpretado ao longo do século: do intelectual individualista de Durkheim ao intelectual coletivo de Bourdieu. **Revista Internacional Educação Superior**, Campinas, v. 4, n. 1, p. 95-111, jan./abr. 2018. Disponível: <file:///C:/Users/Ione%20Valle/AppData/Local/Temp/Dialnet-UmConceitoReinterpretadoAoLongoDoSeculo-6324926.pdf>.

VALLE, I. R.; SANTOS, T. R.; SATO, S. R. de S. A atualidade da obra *La Noblesse d'État* (1989) de Pierre Bourdieu e suas múltiplas facetas. **Revista Perspectiva Centro de Ciências da Educação**, Florianópolis, v. 39, n. 4, p 1-16, out./dez. 2021. Disponível: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/perspectiva/article/view/73026>.

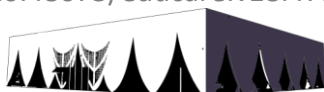
Recebido em: 10-11-2022

Aceito em: 26-04-2023

<sup>i</sup> Cf.: CRBC/EHESS. *Catalogue des thèses soutenues en France sur le Brésil*. Disponível: <http://crbc.ehess.fr//index.php?ressources/catalogue-des-theses/1100-catalogue-des-theses-en-ligne-soutenues-en-france-sur-le-bresil-en-sciences-sociales-et-humaines-de-1823-a-nos-jours>. Acesso em 23.09.2022.

<sup>ii</sup> A partir de meados dos anos 1960 ocorre uma intensificação considerável na formação de doutores brasileiros em universidades francesas, período em que se concentra o maior número de teses defendidas nessas áreas. No caso da educação e da sociologia, os estudos defendidos começam a ocorrer principalmente em meados dos anos 1960 e se multiplicam a partir da década de 1980.

<sup>iii</sup> A obra *Sociologia da educação em movimento*, recentemente publicada (2022), foi viabilizada graças a algumas parcerias, notadamente no campo da sociologia da educação, entre pesquisadores franceses e



brasileiros, tendo como contribuição um inventário (Gabriel Langouët), uma entrevista (Jean-Claude Passeron) e a resposta a um questionário (François Dubet, David Le Breton, Martine Plard-Derivry e Éric Plaisance).

<sup>iv</sup> A esse respeito, também se pode citar Desanti e Monvallier (2021, p. 122): “A simples leitura de Bourdieu é em si uma socioterapia muito poderosa para compreender nossa posição social, nossa trajetória, a maneira como ela é determinada e como, no fundo, nós não podemos muita coisa.”

<sup>v</sup> Ao abordar a gênese e a estrutura do campo cultural na França, Bourdieu (1992, p. 183-184) sublinha o “crescimento (ligado à expansão econômica) da população escolarizada (em todos os níveis do sistema de ensino), situando-o no princípio de dois processos paralelos: o aumento do número dos produtores que conseguem viver de sua pluma ou tirar sua subsistência dos pequenos *métiers* oferecidos pelas empresas culturais – casas de edição, jornais, etc.; e a expansão do mercado dos leitores potenciais que são propostos aos pretendentes sucessivos [...] e a seus produtos”.

<sup>vi</sup> Ao se referir ao “momento crítico” em *Homo academicus*, Bourdieu (2011, p. 208) assinala que “O pesquisador só pode chegar depois da festa, quando os lampiões foram apagados e os cavaletes retirados, e com um produto que não tem mais nenhum dos charmes do *impromptu*.”

<sup>vii</sup> Pode-se destacar como referência central à construção dessa triangulação a obra *A distinção* (2007). Nela, Bourdieu evidencia sobretudo a relação entre “capital escolar” e “capital cultural” como base de sustentação à legitimação das elites dominantes. Reflexão esta que Bourdieu retoma a partir de uma nova base empírica, em *La noblesse d’État* (1989). Sobre esta obra, ainda não traduzida para o português, ver Autor, Santos e Sato (2021).

<sup>viii</sup> Gambarotta (2016) discute o “político” na teoria bourdieusiana, percebendo-o como chave para a compreensão de sua reflexão sobre a dominação social. Para Gambarotta, Bourdieu vê as práticas sociais como uma espécie de “alquimia simbólica”, o que o leva a atribuir um lugar central à educação.

<sup>ix</sup> Sobre a obra *A reprodução*, ver Autor (2022a).

<sup>x</sup> Couto, Von Dentz e Valle (2019, p. 3), ao resenham a obra de Gambarotta (2016), voltada ao “político” da teoria bourdieusiana, assinalam que “a contribuição da escola para a reprodução das desigualdades sociais se daria de forma dialética por meio de uma complexa trama de mediações [...]: a herança cultural, interpretada pela escola como elemento de distinção; a autoridade pedagógica, que legitima o arbitrário cultural; a taxonomia escolar, criadora de lógicas de classificação e de hierarquias entre os estudantes.

<sup>xi</sup> Ele também aposta num novo tipo de intelectual: o “intelectual coletivo”. Sobre esse tema, ver Bourdieu (2019, p. 359-367). A análise de Valle (2018a) também ajuda a pensar a importância atribuída pelo autor a esse novo tipo de intelectual.

<sup>xii</sup> Em *Os herdeiros* (2014), Bourdieu e Passeron já alertavam para a premência de enfrentar a “mortalidade escolar”, por meio inclusive do desvelamento dos obstáculos (e não apenas econômicos) que naturalizam as desvantagens escolares, mesmo das classes médias e baixas quando bem-sucedidas, levando-as a “viver seu destino como vocação”, e indicam a necessidade de uma “pedagogia racional”.

<sup>xiii</sup> Segundo Bourdieu (2016, p. 261), “distinção é o fato de ser diferente, é aquilo que é produzido quando alguma coisa é percebida como diferente por alguém que a reconhece como bem ou como diferença valorizada.”

<sup>xiv</sup> Sobre a dominação, ver sobretudo Bourdieu (2019b).

<sup>xv</sup> Também foi objeto dos seus estudos o movimento de Maio de 68, que considera como um exemplo de “revolução simbólica”. Ele chama a atenção para as dimensões revolucionárias que podem se fazer presentes num movimento social de contestação da ordem simbólica, o que ele caracteriza como um “momento crítico”. Sobre as contribuições de Maio de 68 à sociologia de Bourdieu, ver Valle (2019).

<sup>xvi</sup> A primeira aproximação que procurei fazer entre sociologia e literatura teve como foco a relação entre masculinidade(s) e literatura (VALLE, 2022e).

<sup>xvii</sup> Uma nova edição da novela *Jupira* acaba de ser publicada e conta com leituras distintas e pluridisciplinares, inscritas no campo histórico, sociológico e psicanalítico (VALLE, 2022b).

<sup>xviii</sup> Sobre as noções de ilusão e *illusio*, ver especialmente Bourdieu (1992, p. 453-458).

